

EDITORIAL

No dia 24 de Agosto de 1968 o papa Paulo VI abria a Segunda Conferência Episcopal da América Latina na cidade de *Medellin*, na Colômbia, com um discurso onde pedia união e prudência aos bispos que estavam encarregados de aplicar o Concílio Vaticano II nos países da sua região dentro do lema: *a Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Os cento e quarenta e seis preladados deviam pronunciar-se sobre o “aggiornamento” de uma maneira de ser Igreja num território que todo ele saía do mundo das vilas rurais para a vida das cidades cada vez maiores, da existência comandada pela natureza e necessidades da sustentação imediata para a tecnologia avançada com um consumo controlado e previsível. Era um mundo diferente que pedia uma eclesialidade também ela diferente.

Passaram-se trinta anos. Hoje podemos ver muita coisa que no tempo parecia uma aventura de conseqüências imprevisíveis. Era uma mistura de realidades vertiginosamente acontecendo de maneira caótica e de um idealismo gerador de vida e esperança. No último semestre do ano passado os professores Antonio S. Bogaz e Márcio A. Couto fizeram um seminário com o objetivo de ver os acontecimentos nos quais se encaixaram as decisões da Assembléia e quais os sentimentos que guiavam alguns de seus bispos mais engajados e que com justiça podem ser chamados de os “padres” da Igreja Latino-americana pela influência que tiveram na reunião. Vendo a moldura dos acontecimentos que tinham de enfrentar quando assumiram uma direção para nossa Igreja e vendo com que ideais quiseram direcionar a ação do futuro, compreendemos um pouco mais e melhor os motivos que temos de nos alegrar e compreendemos também como seria mau desconhecer as conclusões a que chegaram e, quem sabe, ignorantes da história, teremos que passar pela experiência do sofrimento por não assumir a caminhada do crescimento. Uma boa introdução para quem quiser saborear hoje as riquezas de um texto que já alcançou trinta anos de idade mas cujas frutos, intuições e possibilidades ainda não foram aproveitadas até o fundo.

A história pode ser vista de muitos ângulos. A história de uma guerra pode ser contada pelos vencedores ou pelos vencidos; pode ser descrita em sua globalidade ou pode estudar o desenvolvimento técnico com que se realizou, pode ser contada do prédio de onde foi dirigida pelos generais ou do campo de

concentração onde a viram os prisioneiros de guerra. Uma história que pode ser escrita pelos que a planejavam no passado sendo-lhe causa ou que a colheram no futuro como conseqüências. E quantos outros ângulos poderiam ainda citar-se? Qual dessas “histórias” é a descrição verdadeira e é definitiva? Qual delas que esquecida faz da descrição dos fatos uma mentira?

Aplique essa reflexão a uma história da Igreja na América Latina e do Caribe. Principalmente se essa história é estudada por um grupo crítico de especialistas, com múltiplas experiências e sem medo de buscar caminhos iluminadores dos diversos ângulos sob os quais se pode camuflar a realidade em suas várias manifestações intelectuais de verdade. O P. José O. Beozzo, que acompanhou todos os passos da *Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina* (CEHILA), como um dos seus membros mais ativos, como presidente em algum período e, sobretudo, como apaixonado colaborador, transmite-nos hoje um pouco das longas discussões teóricas que se fizeram desde 1973 quando aconteceu a Assembléia da fundação da entidade bem como os diversos fatores e movimentos sociais que abriram horizontes para novos sujeitos e novas análises possíveis da verdade histórica.

Esse artigo merece ser lido não só pela exposição dos fatos enquanto feita por um dos melhores conhecedores que temos no momento da história da América Latina mas, também, por se constituir num repertório bibliográfico notável de tudo o que se publicou sobre nossa história e seus detalhes nos últimos trinta anos. Veja lá como você pode atualizar sua biblioteca ou a da instituição a que você pertence. Um artigo para não perder e até para se consultar freqüentemente.

Não menos notável é o artigo em que, do ponto de vista de um canonista, se pergunta se a *subsidiaridade*, enquanto princípio da convivência social, tão recomendado para as relações sociais das estruturas de poder nas comunidades humanas pela *Doutrina Social da Igreja*, deva também ser aplicada na organização do povo de Deus. Como pesquisa canônica, procura-se saber o que já se diz na legislação e no magistério. Não se trabalha com meras possibilidades. Entretanto a pesquisa foi tão longe que tivemos de pedir ao autor, Cônego Carlos Antonio da Silva, atualmente continuando sua pesquisa em nível de doutorado na Espanha, que dividisse o trabalho a ser publicado em duas partes, das quais a segunda você terá que esperar para ler num próximo número da revista.

Nos nossos comentários aparece uma exposição sobre um livro americano que promete ajudar por compreensão mais profunda a leitura dos Evangelhos e de Paulo. Um livro que além das análises textuais, das sociológicas e das históricas, anda também pelos caminhos da arqueologia e da geografia cultural. O P. Ermínio A Torices leu, comenta e propõe tradução. Para você também ficar esperando...

O segundo comentário é um capítulo de tesina de bacharelado de um de nossos alunos. Foi notável pelo assunto abordado: a liturgia enquanto dirigida por mulheres, com estilo feminino e a partir do que lhes é peculiar na vida e na espiritualidade. Mas essa reflexão tão necessária para quem hoje se dedica à vida comunitária onde o pluralismo introduz necessariamente o ambiente dominado pelo gênero feminino ao lado de outros mistos ou francamente masculinos como acontece em certos momentos e grupos da vida eclesial, mereceu atenção pelo estilo usado na redação da pesquisa. É um estilo leve, uma comunicação que se quer clara, precisa mas também agradável e simpática. Certamente é um fruto dos cursos de multi-comunicação em que tomam parte nossos alunos através do CEPAC, a se expressar em linguagem nova e moderna.

No dia 3 de Julho passado falecia o P. Bernhard Häring CSSR. Foi um grande moralista e um dos maiores teólogos do nosso século. Destacou-se também como colaborador extraordinário no Concílio Vaticano II onde teve grande influência na redação do documento *Gaudium et spes*. Sempre foi um homem pronto para o diálogo com o mundo dos dias de hoje e cumpria escrupulosamente a recomendação que inseriu em um dos seus livros de espiritualidade: *os homens de Igreja (...) deveriam também, antes de rezar "seja feita a vossa vontade", examinar-se seriamente se negaram conferir cuidadosamente junto à comunidade de fé e a pessoas competentes, para saber se sua vontade é ou não expressão do plano salvífico de Deus e do Evangelho*¹ (cf. *Gaudium et Spes* n. 40-44).

1. Bernhard HÄRING, *Comentário ao Pai Nosso*. Aparecida, Santuário, 1998, p. 3.

Habitado a ouvir, Bernard Häring foi também um homem capaz de falar. Quando era moda pensar a moral como escolha entre a obrigação cega e a liberdade, não duvidou de chamar sua moral de *A lei de Cristo*, e quando o figurino moral era de independência em nome da liberdade, ele a rescreveu com o título de *Livres e fiéis em Cristo*, mostrando sua condição de trabalhador infatigável e coerente da verdade e da justiça. Escreveu muito, o que não lhe trouxe sossego: *teve por isso de suportar incompreensões e dificuldades, em diversos níveis. Mas soube suportá-las com aquele sincero amor à Igreja, que o fez repetir até o fim da vida: "Agradeço a Deus por tudo o que recebi da Igreja, na Igreja e por meio da Igreja."*² Soube casar com incrível maestria o diálogo e o confronto enquanto caminhos para a verdade. A doença que o acompanhou tantos anos no final de sua vida era uma parábola de sua própria espiritualidade: era capaz de continuar falando embora vivesse sem voz.

2. Sabatino MAIORANO CSSR, *A morte do Padre Häring, redentorista*. Em INTERNET: www.redemptor.com.br

Que o exemplo de um gênio que soube amar a verdade, viesse de onde viesse, que soube ser sincero e escutar a vida, com todo o seu ritmo mas também suas novidades, que soube amar Cristo em Deus e os irmãos em Cristo nos anime a sermos úteis na criação refazendo-a e na salvação transformando-nos em Reino.

Pe. Antonio Silva CSSR
Diretor